

Uma das coisas que não devemos fazer nas ruas das cidades alemãs é dar de comer a cavalos, mulas ou burros, quer sejam nossos quer não. Se formos assolados por uma vontade irresistível de alimentar o cavalo de outrem, temos de marcar uma hora com o animal e a refeição terá de ocorrer num local devidamente autorizado.

Nas ruas alemãs, não devemos disparar uma besta. O legislador alemão não se contenta com as infrações do homem médio – aquele crime que nos apetece mas não podemos cometer. Não, ele ocupa o seu tempo a imaginar tudo o que um doido varrido poderia fazer. Na Alemanha, não existe uma lei que impeça um homem de fazer o pino no meio da rua: é uma ideia que não lhes ocorreu. Um dia destes há de haver um estadista alemão que, de visita a um circo, veja acrobatas e se ponha a refletir sobre esta omissão. Então, há de lançar-se imediatamente ao trabalho e criar uma cláusula que proíba as pessoas de

fazer o pino no meio da rua estabelecendo uma multa. Este é o encanto da Lei alemã: na Alemanha, qualquer infração tem o seu preço fixo.

Não passamos a noite em claro, como em Inglaterra, a pensar se nos escapamos com um simples aviso, se seremos multados em quarenta xelins, ou se, estando o magistrado num dia mau, apanhamos sete dias. Sabemos exatamente quanto nos vai custar a nossa diversão. Podemos pôr o dinheiro na mesa, abrir o nosso Manual da Polícia, e planear as férias com uma margem de erro de cinquenta *Pfennig*. Para uma noite bastante em conta, recomendo uma caminhada pelo lado errado do passeio depois de sermos avisados para não o fazer. Segundo os meus cálculos, escolhendo o bairro e as ruas mais pacatas, podemos passar uma noite inteira no lado errado do passeio com um custo de pouco mais do que três marcos.

JEROME K. JEROME

TRÊS HOMENS
NUMA VIAGEM

Tradução de
Francisco Silva Pereira

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2017

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *Três Homens numa Viagem*

Título original: *Three Men on the Bummel*

Autor: Jerome K. Jerome

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Ricardo Batalheiro

Paginação: Maria João Gomes

Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros

Ilustração de capa: Manel Cruz

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 432 469/17

1.^a edição: novembro de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Dedico
esta obra insignificante de um humilde aluno

AO BOM GUIA,
que sempre me deixa ir por onde quero, mas que me leva
pelo caminho certo;

AO FILÓSOFO APRECIADOR DO RISO,
que, se não me convenceu a suportar uma dor de dentes
com paciência, pelo menos me convenceu de que também
ela seria passageira;

AO BOM AMIGO,
que sorri quando lhe falo dos meus problemas e que,
quando lhe peço ajuda, se limita a responder: vou já!

AO HUMORISTA DE SEMBLANTE GRAVE,
para o qual a vida não é mais do que
um livro de boas piadas;

A ESSE BOM MESTRE,
O TEMPO.

Capítulo Um

— **D**o que estamos a precisar é de uma mudança — disse o Harris.

Neste momento, a porta abriu-se e a mulher dele espreitou, para dizer que a Ethelbertha lhe tinha pedido que me lembrasse de que não podíamos chegar tarde a casa por causa do Clarence. Tenho para mim que a Ethelbertha se aflige desnecessariamente com as crianças. Na verdade, o pequeno não tinha problema nenhum. Tinha saído com a tia naquela manhã; se ele se põe a olhar com desejos para a montra de uma pastelaria, ela leva-o lá dentro e compra-lhe bolos com creme e queijadas até que ele diz não querer mais e, educado mas com firmeza, se recusa a comer seja mais o que for. É claro que, depois, só se serve uma vez da sobremesa ao almoço e a Ethelbertha pensa que o rapaz está a chocar alguma. A mulher do Harris acrescentou que também seria melhor não demorarmos a subir, porque senão perderíamos a menina Muriel na sua versão de «O Chá do Chapeleiro Maluco», de *Alice no País das Maravilhas*. A Muriel nasceu depois do Clarence e tem oito anos; gosto mais de a ver em peças sérias. Dissemos que íamos acabar os nossos cigarros e já subíamos; também lhe pedimos encarecidamente que não deixasse a Muriel

começar antes que chegássemos. Ela prometeu aguentar a criança enquanto lhe fosse possível e foi-se embora. Mal a porta se fechou, o Harris retomou a frase que ficara a meio:

– Vocês sabem o que quero dizer – disse ele. – Uma mudança radical.

A questão que se punha era como concretizá-la.

O George sugeriu «negócios». Era o género de sugestão que seria de esperar dele. Um solteirão pensa que uma mulher casada não tem dois dedos de testa. Conheci em tempos um sujeito novo, engenheiro, que pensou ir a Viena em «negócios». A mulher quis saber «quais negócios». Ele respondeu que teria de visitar as minas nas redondezas da capital austríaca, e redigir uns relatórios. Ela disse que o acompanharia; era deste género de mulher. Ele tentou dissuadi-la; disse-lhe que a mina não era lugar para uma mulher bonita. Ela disse-lhe que era da mesma opinião, pelo que não fazia tenção de descer com ele aos poços: despediam-se de manhã e ela depois divertia-se a dar uma vista de olhos pelas lojas, comprando alguma coisa que lhe pudesse apetecer, até ele voltar. A ideia, tendo sido sua, dificultava-lhe a esquivar: passou dez longos dias de verão a visitar as minas nas imediações de Viena, e os serões a escrever relatórios sobre elas – que a mulher metia no correio – para a firma que não estava nem um pouco interessada neles.

Prefiro não pensar que a Ethelbertha e a mulher do Harris possam pertencer a este género de mulher, mas é melhor não exagerar nos «negócios» – devem ser guardados para verdadeiras emergências.

– Não – disse eu –, a coisa tem de ser franca e viril. Vou dizer à Ethelbertha que cheguei à conclusão de que, para aprender a dar o devido valor aos meus privilégios, é minha intenção separar-me dela e das crianças durante, pelo menos, umas três semanas. Digo-lhe – acrescentei, voltando-me para o Harris – que foste tu quem me fez ver ser este o meu dever; que é a ti que devemos...

O Harris poisou o copo um tanto à pressa.

– Se não te importas, meu velho – interrompeu-me ele –, preferia que não o fizesses. Ela há de discutir o assunto com

a minha mulher e... bem, não gosto de ficar com louros que não mereço.

– Mas são merecidos – insisti. – A sugestão foi tua.

– Foste tu quem me deu a ideia – interrompeu ele de novo.

– Sabes perfeitamente que disseste que era um erro um homem cair na rotina e que uma domesticidade contínua atrofia o cérebro.

– Eu estava a falar em termos gerais – expliquei.

– Pareceu-me muito pertinente – disse ele. – Até pensei em dizê-lo à Clara: ela tem-te em grande conta, sabes? Tenho a certeza de que...

– Não vamos correr esse risco – interrompi –, é uma questão delicada, e tenho a saída perfeita para ela. Dizemos que foi ideia do George.

Só que o George não sabe o que é ser prestável, útil, uma característica que por vezes me deixa irritado. Seria de esperar que recebesse de braços abertos a oportunidade de ajudar dois velhos amigos num dilema; não, em vez disso, tornou-se desagradável:

– Fazem isso – ameaçou – e eu digo às duas que o meu plano original era dar uma festa, com crianças e tudo; que ia convidar a minha tia e depois alugávamos um velho castelo que conheço, encantador, na Normandia, junto à costa, onde o clima é particularmente favorável às crianças delicadas, e o leite é de uma qualidade que não se encontra em Inglaterra. E ainda acrescento que vocês ignoraram esta minha sugestão, com o argumento de que nos havíamos de divertir mais se fôssemos sozinhos.

Com um homem como o George, a gentileza não serve para nada; há que ser firme.

– Fazes isso – disse o Harris – e eu, para começar, aceito a proposta. Arrendamos esse castelo. Tu levas a tua tia, eu próprio trato disso, e passamos um mês assim. As crianças gostam todas de ti; quanto ao J. e a mim, pois, nem nos pões a vista em cima. Prometeste ao Edgar que o ias ensinar a pescar; e vais ser tu a brincar aos animais selvagens. Desde o domingo passado, o Dick e a Muriel só sabem falar do teu hipopótamo. Fazemos piqueniques no bosque, havemos de ser onze e, ao serão, havemos de ter

música e récitas. A Muriel já domina seis peças, como talvez já saibas; e as outras crianças aprendem depressa.

O George desistiu – não sabe o que é coragem a valer –, mas sem a mínima elegância. Disse que, se éramos mesquinhos e cobardes e falsos ao ponto de recorrer a um truque tão baixo e manhoso, então não podia fazer nada; e que, se eu não fazia tenção de acabar com a garrafa de Bordéus, bem lhe podia servir um copo. Ainda acrescentou, um tanto a despropósito, que na realidade não fazia diferença, visto que tanto a Ethelbertha como a mulher do Harris eram mulheres atiladas, incapazes de pensar sequer por um instante que a sugestão pudesse partir dele.

Resolvido este pequeno ponto, a questão era: que género de mudança?

O Harris, como de costume, preferia o mar. Disse que sabia de um iate, a coisa ideal – um que podíamos governar sozinhos; sem um bando de marujos de água doce na madracice pelos cantos, que só aumentam a despesa e reduzem o romantismo da coisa. Deem-lhe um rapaz jeitoso que saiba fazer um pouco de tudo e ele trata do resto. Nós já conhecíamos o iate em questão, e dissemos-lhe isso mesmo: já lá tínhamos estado com ele. O cheiro a água choca abafava tudo o resto; perto dele, não havia ar do mar que tivesse hipóteses. No que ao olfato dizia respeito, era o mesmo que passar uma semana nas docas. Não tínhamos onde nos abrigar da chuva; o salão tinha três metros por um e vinte, e metade era ocupada por um fogão que se escaqueirava todo quando o tentávamos acender. Tínhamos de tomar banho na coberta e as toalhas voavam borda fora mal saíamos da banheira. O Harris e o rapaz faziam todo o trabalho interessante – içar e enriçar as velas, largar ferros e adernar, e todo esse tipo de coisas – deixando-me a mim e ao George a descascar as batatas e a lavar a roupa.

– Muito bem – disse o Harris. – Nesse caso, escolhemos um iate a sério, comandante incluído, e fazemos a coisa com estilo.

Continuei a opor-me. Conhecia o dito comandante; a ideia que tinha de navegar era passar o dia naquilo a que chama «ao

largo», onde podia manter o contacto com a mulher e a família, para não falar da sua taberna preferida.

Há anos, quando eu era novo e inexperiente, aluguei um iate. Três coisas se haviam combinado para me levar a tal tolice: tinha tido um inesperado golpe de sorte; a Ethelbertha manifestara um desejo de ar do mar; e, logo na manhã seguinte, ao ler por acaso o *Sportsman* no clube, dera com o seguinte anúncio:

VELEJADORES – Oportunidade Única – *Patife*, iole de 28 toneladas. – O proprietário, obrigado a ausentar-se subitamente do país em negócios, está disposto a alugar este «galgo dos mares», soberbamente equipado, por qualquer período de tempo, breve ou longo. Dois camarotes e salão; piano da marca *Woffenkoff*; cobre novo. Condições: 10 guinéus por semana. – Contacto: Pertwee & Co., 3A Bucklersbury.

Pareceu-me a resposta às minhas preces. O «cobre novo» não me interessava: a pouca roupa que tivéssemos para lavar poderia esperar, pensei. Mas o «piano da marca *Woffenkoff*» era apelativo. Imaginei a Ethelbertha a tocar ao serão – qualquer coisa com um coro, no qual a tripulação, talvez com um pouco de treino, pudesse participar – enquanto a nossa casa flutuante «galgava» as ondas prateadas.

Meti-me num carro de praça e fui direto para o 3A, Bucklersbury. O senhor Pertwee era um cavalheiro de aspeto desprezioso, com um discreto escritório no terceiro andar. Mostrou-me uma aguarela do *Patife* de velas enfunadas ao vento. O convés fazia um ângulo de noventa e cinco graus com o oceano. Na figura, não se viam seres humanos – calculo que tivessem escorregado. Na realidade, não vejo como é que alguém se poderia ter aguentado, a não ser pregado ao chão. Referi esta questão ao homem que, todavia, me explicou que a imagem representava o *Patife* a ultrapassar sei lá o quê na famosa ocasião em que vencera a Regata de Medway. O senhor Pertwee parecia pensar que eu estava a par do acontecimento, pelo que não lhe fiz mais

perguntas. Dois pontinhos perto da moldura, que a princípio eu pensara serem traças, afinal representavam o segundo e o terceiro classificados na famosa corrida. Uma fotografia do iate ancorado em Gravesend era menos impressionante, mas sugeria mais estabilidade. Satisfeito com as respostas a todas as minhas perguntas, aluguei o barco por quinze dias. O senhor Pertwee disse que era uma sorte eu só o querer por duas semanas – depois, eu dar-lhe-ia razão – porque era precisamente o tempo que ele tinha disponível. Se fossem três semanas, ver-se-ia forçado a recusar.

Resolvido o aluguer, o senhor Pertwee perguntou-me se tinha algum comandante em vista. Foi igualmente uma sorte eu não ter – parecia que tudo me estava a correr de feição – porque o senhor Pertwee estava convencido de que eu não faria melhor do que conservar o senhor Goyles, então responsável pela embarcação – um excelente capitão, garantiu-me o senhor Pertwee, um homem que conhecia o mar tão bem como um homem conhece a sua mulher, e que nunca tinha perdido uma vida.

Ainda era cedo e o iate estava ao largo de Harwich. Apanhei o comboio das 10h45 em Liverpool Street e, por volta da uma, estava a falar com o senhor Goyles no convés. Era um homem robusto, com um ar paternal. Falei-lhe da minha ideia, que consistia em passar pelas ilhas holandesas mais afastadas e depois subir até à Noruega. Ele disse «Sim, senhor» e pareceu ficar bastante entusiasmado com a viagem; disse que ia gostar muito. Passámos à questão das provisões e mais entusiasmado ele ficou. Admito que a quantidade de comida que me sugeriu me apanhou de surpresa. Se vivêssemos nos tempos de Drake, eu teria receado que estivesse a preparar alguma coisa ilegal. Todavia, riu-se com o seu jeito paternal e garantiu-me que não estávamos a exagerar. Tudo o que sobrasse, a tripulação dividia e levava para casa – parecia ser a prática costumeira. Fiquei com a impressão de estar a abastecê-los para o inverno, mas não queria parecer forreta, pelo que não disse mais nada. A quantidade de bebida necessária também me apanhou desprevenido. Fiz uma estimativa do que íamos precisar e depois o senhor Goyles falou pela tripulação. Uma coisa tem de ser dita: ele sabia zelar pelos seus homens.

– Não queremos nada do género de uma orgia, senhor Goyles – dei a entender.

– Uma orgia! – retorquiu ele. – Ora, é só uma gotinha para o chá!

Explicou-me que o seu lema era: «Arranja homens bons e trata bem deles.»

– Trabalham melhor – disse ele – e voltam sempre.

Por mim, não queria que eles voltassem. Estava a começar a emburrar com eles e ainda nem os tinha visto: pareciam-me uma tripulação de comilões e beberrões. Mas o senhor Goyles mostrou-se tão perentório, e eu tinha tão pouca experiência, que lá lhe fiz a vontade. Prometeu-me igualmente que também neste departamento havia de garantir pessoalmente que nada se desperdiçava.

Deixei também a contratação a cargo dele. Disse-me que podia tratar do assunto e que, por ser para mim, lhe bastariam dois homens e um rapaz. Se estava a referir-se a despachar a comida e a bebida, penso que estaria a fazer uma estimativa por baixo; mas talvez estivesse a referir-se ao manejo do barco.

Passei no meu alfaiate a caminho de casa e encomendei um fato à altura, com um chapéu branco, que ele prometeu fazer e ter pronto a tempo; depois fui para casa e contei à Ethelbertha tudo o que tinha feito. A satisfação dela apenas ficou enevoadada por um receio – a costureira teria tempo para lhe fazer um fato? Mesmo coisa de mulher.

A nossa lua de mel, que não fora assim há tanto tempo, tinha sido algo abreviada, pelo que decidimos não convidar ninguém, antes ficando com o iate só para nós. E agradeço aos Céus por esta decisão. Vestimo-nos a rigor na segunda-feira e lá fomos nós. Não me lembro do que a Ethelbertha tinha vestido, mas, fosse o que fosse, assentava-lhe muito bem. O meu fato era azul-escuro e debruado com uma fitinha branca que, penso eu, fazia o seu efeito.

O senhor Goyles estava à nossa espera no convés e disse que o almoço estava pronto. Devo admitir que ele tinha contratado um cozinheiro bastante razoável. Quanto às competências dos

outros membros da tripulação, não tive oportunidade para as avaliar. Em estado de repouso, posso dizer que pareciam um grupo animado.

A minha ideia era que, mal os homens acabassem de comer, zarpávamos, isto enquanto eu, a fumar um charuto com a Ethelbertha a meu lado, ficava debruçado na amurada a ver as brancas falésias da Pátria afundarem-se impercetivelmente no horizonte. A Ethelbertha e eu fizemos a nossa parte e ficámos à espera, com o convés por nossa conta.

– Eles parecem não ter muita pressa – disse ela.

– Se, durante catorze dias – disse eu –, comerem metade do que há neste iate, hão de precisar de bastante tempo para cada refeição. É melhor não os apressarmos, ou nem sequer conseguem comer a quarta parte.

– Devem ter ido dormir – disse a Ethelbertha, mais tarde. – Não tarda, é hora do chá.

Estavam sem dúvida muito silenciosos. Avancei na direção da proa e chamei o capitão Goyles do alto das escadas. Chamei-o três vezes; então, começou a subir devagar. Parecia ser um homem mais velho e pesado do que da última vez que o vira. Trazia um charuto apagado na boca.

– Quando estiver pronto, capitão Goyles – disse-lhe eu –, podemos partir.

O capitão Goyles tirou o charuto da boca.

– Hoje é que não – retorquiu ele –, *com* a sua licença.

– Ora, qual é o problema do dia de hoje? – perguntei. Sei que os marinheiros são gente supersticiosa; pensei que talvez a segunda-feira fosse considerada aziaga.

– O dia não tem problema nenhum – respondeu-me ele –, estou a pensar é no vento. Não me parece que vá mudar.

– Mas queremos que mude? – perguntei. – Parece que está onde devia estar, bem por trás de nós.

– Pois, pois – disse o capitão Goyles –, e a questão é mesmo essa. Antes a morte que tal sorte, porque é a morte que nos espera, Deus nos livre!, se zarparmos com este vento. Sabe – resolveu ele explicar ao ver o meu ar de surpresa –, isto é aquilo a que

chamamos «vento de terra», ou seja, está a soprar, por assim dizer, diretamente de terra.

Pensando bem, o homem tinha razão: o vento estava a soprar de terra.

– Pode ser que mude durante a noite – disse o capitão Goyles, mais esperançoso –, seja como for, não é violento e o barco aguenta-se bem.

Devolveu o charuto à procedência e eu voltei para a popa e expliquei à Ethelbertha o motivo do atraso. Ela, que parecia menos animada do que quando tínhamos subido a bordo, quis saber por que motivo não se pode partir quando o vento sopra de terra.

– Se não estivesse a soprar de terra – disse –, estaria a soprar do mar, e isso mandava-nos de volta para a costa. Parece-me a mim que este é exatamente o vento de que precisamos.

Ao que eu disse:

– Isso é a tua falta de experiência, querida; *parece* ser exatamente o vento de que precisamos, mas não é. É aquilo a que se chama um vento de terra, e um vento de terra é sempre muito perigoso.

A Ethelbertha quis saber *por que motivo* um vento de terra era muito perigoso.

Tanta argumentação deixou-me algo aborrecido; talvez estivesse a sentir-me um pouco contrariado; o arfar monótono de um pequeno iate ancorado deprime um espírito mais fogoso.

– Não te sei explicar – respondi, o que era verdade –, mas zarpar com este vento seria o cúmulo da imprudência, e gosto demasiado de ti, querida, para te expor a riscos desnecessários.

Pareceu-me que seria uma boa conclusão, mas a Ethelbertha limitou-se a responder que, dadas as circunstâncias, preferia que apenas tivéssemos embarcado na terça-feira, e foi para baixo.

De manhã, o vento rodou para norte; levantei-me cedo e disse isto mesmo ao capitão Goyles.

– Pois, sim senhor – disse ele –, é uma pena, mas não podemos fazer nada.

– Acha que não podemos partir hoje? – arrisquei.

Ele não se zangou, apenas se riu.

– Bem, se o senhor quisesse ir para Ipswich, eu diria que não podia ser melhor, mas uma vez que o nosso destino é a costa holandesa... pois...

Dei a notícia à Ethelbertha e decidimos passar o dia em terra. Harwich não é uma cidade alegre e ao cair da noite poder-lhe-íamos chamar desengraçada. Tomámos um chá com sanduíches de agrião em Dovercourt e depois regressámos ao cais, em busca do capitão Goyles e do barco. Esperámos uma hora por ele. Quando chegou, vinha mais animado do que nós; se não me tivesse dito que só bebia um copo de grogue quente antes de se deitar, eu teria arriscado que ele estava bêbedo.

Na manhã seguinte, o vento estava de sul, o que deixou o capitão bastante preocupado, pois parecia ser tão pouco seguro sair como ficar onde estávamos; a nossa única esperança era que mudasse antes que acontecesse alguma coisa. Entretanto, a Ethelbertha deixara de gostar do iate; dizia que preferiria passar uma semana numa barraca com rodas¹, visto que essa pelo menos não havia de baloiçar.

Passámos mais um dia em Harwich e, nessa noite e na seguinte, uma vez que o vento continuava de sul, dormimos no King's Head. Na sexta-feira, o vento soprava diretamente de leste. Fui ter com o capitão Goyles ao cais e sugeri que, naquelas circunstâncias, talvez pudéssemos partir. Pareceu ficar irritado com a minha insistência.

– Se o senhor soubesse mais um pouco – disse-me ele –, via com os seus próprios olhos que isso é impossível. O vento está a soprar diretamente do mar.

– Diga-me, capitão Goyles, que coisa é esta que eu aluguei? É um iate ou uma casa flutuante?

Pareceu desconcertado com a minha pergunta e respondeu:

– É um iole.

¹ *Bathing machine*, no original. Muito populares nos séculos XVIII e XIX, consistiam em carroças de quatro rodas e estrutura de madeira, com paredes e teto também de madeira, ou então de lona, que eram levadas até ao mar e nas quais os banhistas podiam despir-se e vestir os seus fatos de banho. (*N. do T.*)

– O que eu quero saber – expliquei – é se dá para o tirar dali, ou se está colado? Se estiver – prossegui –, diga-mo francamente, porque sempre se pode arranjar umas floreiras com hera e enfeitar as vigias, metemos umas flores e um toldo no convés, e fica tudo muito bonitinho. Se, por outro lado, me disser que o podemos tirar dali...

– Tirar dali! – interrompeu-me ele. – Isto com o vento certo e o *Patife*...

– E qual é o vento certo? – quis eu saber.

O capitão Goyles pareceu ficar intrigado.

– Durante esta semana – continuei –, tivemos vento de norte, de sul, de leste e de oeste, com variações. Se sabe de mais algum ponto da rosa dos ventos do qual ele possa soprar, diga-me, que eu fico à espera. Se não, e se a âncora não tiver ganhado raízes no fundo do mar, zarpamos hoje e logo se vê.

Ele percebeu que eu estava decidido.

– Muito bem, o senhor é quem manda – disse ele. – Já só tenho um filho a cargo, graças a Deus, e não duvido que os executores do seu testamento saberão ser seu dever zelar pela minha viúva.

Aquele tom tão sério impressionou-me.

– Senhor Goyles – disse –, seja sincero. Há alguma réstia de esperança, seja qual for o tempo, de sairmos deste maldito buraco?

A bondosa simpatia do capitão Goyles voltou.

– Sabe – disse-me ele –, esta costa é muito especial. Não teríamos problemas assim que chegássemos a alto-mar, mas sair daqui numa casca de noz como aquela... Bem, para ser franco, não é coisa fácil.

Deixei o capitão Goyles com a garantia de que ia ficar atento ao tempo como uma mãe que zela pelo seu filho adormecido; esta comparação foi dele, e achei-a bastante comovente. Voltei a vê-lo ao meio-dia: estava de atalaia na janela do Chain and Anchor.

Às cinco da tarde, tive um golpe de sorte: encontrei dois amigos no meio da High Street – andavam a velejar, mas tinham acostado com problemas no leme. Contei-lhes a minha história, e pareceram ficar menos surpreendidos do que divertidos. O capitão Goyles e os seus dois marujos continuavam a vigiar o tempo.

Corri até ao King's Head e preparei a Ethelbertha. Esgueirámo-nos os quatro discretamente pelo cais, onde fomos encontrar o nosso barco. Só estava o rapaz a bordo; os meus dois amigos tomaram conta do iate e, por volta das seis da tarde, alegres e contentes, já subíamos a costa a todo o pano.

Naquela noite ancorámos em Aldborough e, no dia seguinte, subimos até Yarmouth, onde, visto que os meus amigos tinham de partir, decidi abandonar o iate. De manhã, bem cedo, vendemos as provisões em leilão nos areais de Yarmouth. Perdi dinheiro, mas fiquei com a satisfação de «tramar» o capitão Goyles. Deixei o *Patife* com um marinheiro local que, a troco de umas quantas libras, se encarregou de o devolver a Harwich; e voltámos para Londres de comboio. Pode haver iates diferentes do *Patife*, e capitães diferentes do senhor Goyles, mas aquela experiência levou-me a desconfiar de ambas as espécies.

O George também achava que um iate seria muita responsabilidade, pelo que pusemos a ideia de parte.

– Então e o rio? – sugeriu o Harris. – Já lá passámos uns bons tempos.

Em silêncio, o George puxou mais uma baforada do charuto, e eu parti mais uma noz.

– O rio já não é o que era – disse eu –, não sei bem o que é, mas há qualquer coisa... uma humidade... no ar do rio que me acorda sempre o lumbago.

– Acontece o mesmo comigo – disse por sua vez o George. – Não sei porquê, mas agora nunca consigo dormir nas proximidades do rio. Passei uma semana em casa do Joe, na primavera, e acordava sempre às sete da manhã e não conseguia voltar a adormecer.

– Foi só uma sugestão – comentou o Harris. – Pessoalmente, também acho que não me faz bem; agrava-me a gota.

– O ideal para mim – disse eu – é o ar da montanha. O que me dizem de um passeio pela Escócia?

– Na Escócia, tens sempre humidade – disse o George. – Passei lá três semanas há dois anos e nunca dei por mim seco... não nesse sentido.

– Na Suíça, faz bom tempo – disse o Harris.

– Elas nunca nos deixariam ir sozinhos para a Suíça – objetei.
– Sabem o que se passou da última vez. Tem de ser um lugar onde nenhuma mulher ou criança de educação delicada seja capaz de viver; um país de maus hotéis e viagens desconfortáveis; onde tenhamos de penar, dar no duro, talvez até passar fome...

– Mais devagar! – interrompeu o George – Vamos com calma! Não se esqueçam de que vou convosco.

– Já sei! – exclamou o Harris. – Uma viagem de bicicleta!

O George parecia pouco convencido.

– Há muito que subir numa viagem de bicicleta – disse ele –, e temos o vento contra nós.

– E muito que descer, com o vento a favor – contrapôs o Harris.

– Nunca dei por isso – disse o George.

– Não vos há de ocorrer nada melhor do que uma volta de bicicleta – teimou o Harris.

Senti-me inclinado a concordar.

– E até vos digo aonde podemos ir – continuou ele. – À Floresta Negra.

– Ora, isso é *sempre* a subir – disse o George.

– Nem sempre – retorquiu o Harris –, digamos que são dois terços. E esqueceste-te de uma coisa. – Olhou cautelosamente em redor e baixou a voz para um sussurro. – Há uns comboiozinhos que sobem as montanhas, umas coisinhas com rodas dentadas que...

A porta abriu-se para dar entrada à mulher do Harris. Disse que a Ethelbertha estava a pôr o chapéu e que a Muriel, cansada de esperar, tinha declamado «O Chá do Chapeleiro Maluco» sem nós.

– Clube, amanhã, às quatro – sussurrou-me o Harris ao levantar-se, e eu transmiti a mensagem ao George enquanto subíamos.